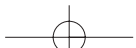


Depoimentos:

O «meu» Machado





MACHADO RIMA COM AMADO

Marlene de Castro Correia*

Foi-me pedido um brevíssimo texto sobre Machado de Assis para fazer parte deste dossiê. Sem intenções ou pretensões acadêmicas, sem rigor teórico ou analítico, e sim um texto de natureza informal, em que eu, à maneira do personagem Carlos Maria, de *Quincas Borba*, afrouxasse a gravata do espírito e desse um depoimento pessoal, que dissesse do meu relacionamento com o criador de Brás Cubas.

O meu convívio com Machado começou faz muito tempo, mas eu bem me lembro: mal saída da adolescência, ainda distante da Faculdade de Letras, li em épocas próximas dois livros que abalaram meu mundo interior: *Judas o Obscuro*, de Thomas Hardy e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Bem me recordo da experiência mista de dor e prazer, de entusiasmo e angústia, que ambos provocaram naquela hoje remota adolescente. O impacto mais devastador, o descobrimento mais pungente vinha no último capítulo, «Das negativas»: «– Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.»

Thomas Hardy nunca mais o reli; quanto a *Memórias Póstumas*, já perdi a conta das releituras, não só por razões de ofício, mas sobretudo por livre escolha intelectual e eleição livre de minha sensibilidade. E em todas elas, o livro ganhava mais poder de sedução e o capítulo final reiterava sua contundência.

A força da obra de Machado não se restringe no entanto ao pessimismo e ao sentimento trágico da vida. O escritor que pergunta – ou melhor, que afirma – por boca de seu mais célebre personagem «que diacho há absoluto nesse mundo?», não se imobilizaria numa perspectiva unilateral dos seres e dos fatos, de si mesmo e de sua obra. O mesmo Brás Cubas que compensa os seus fracassos e absolve os seus pecados por não haver transmitido a ninguém o legado da miséria da condição humana confessa, com a ambigüidade do humor, que gosta dos capítulos alegres: «é o meu fraco». Ao inigualável domínio dos jogos da ironia e do humor (eis aí algo absoluto nesse mundo...) atribuo muito do fascínio e devoção que sinto pela obra de Machado. (A partir de minhas releituras, essas duas categorias passaram a constituir um dos temas predominantes de meus estudos e pesquisas.) Graças à interpretação irônica da vida entranhada em sua narrativa aprendi – corrijo: tento aprender – a relativizar as coisas e a não deixar-me levar por alguma tendência ao drama e por um certo gosto cabotino da tristeza...

* Professora emérita de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFRJ, autora de *Drummond: Magia Lúcida*.

Quando a dor dói muito, e o prazer e a vida, de tão breves, se misturam com saúde, lembro-me do jogo relativizante da intitulação de dois capítulos de *Memórias Póstumas*: «Triste, mas curto»; «Curto, mas alegre». E me lembro sobretudo do episódio em que Brás, tendo na palma da mão a mosca e a formiga mutuamente supliciando-se – reduplicação metafórica de Brás e Virgília, que por sua vez metaforizam o Homem e a Mulher – calcula a distância que vai de sua mão ao planeta Saturno e se pergunta da importância de tudo aquilo... A ironia de Machado ensina a dimensionar as coisas, ensina que as ilhas não são continentes, nem os lagos oceanos. Claro, ler Machado implica um aprendizado doloroso de nós mesmos, do outro, da vida, do mundo. Mas quanto prazer para o espírito nesse aprendizado! O que cansativamente estou tentando dizer, exausto e distraído leitor, é que a leitura de Machado me produz efeito similar ao produzido em Bentinho pela escrita de sua desventura: «a construção ou reconstrução de mim mesmo».

Desde que me entendo por gente afeita ao estudo e ensino de Literatura Brasileira, volta e meia repetia para mim própria: Machado é um milagre! Creio que raras vezes explicitarei aos alunos esse juízo, pois temia que ele decorresse de desmedida paixão e de meu pendor para a veemência e a ênfase (nesse aspecto não segui a lição de Machado, desrespeitei o gosto do Conselheiro Aires – «eu não amo a ênfase» – que tanto valorizava o comedimento de linguagem de Dona Carmo). Temia sobretudo que o meu juízo fosse equivocadamente interpretado como depreciação de outros autores. Mas agora me sinto à vontade para proclamá-lo em alto e bom som, pois estou acompanhada de um crítico acima de qualquer suspeita – o escritor mexicano Carlos Fuentes, que inicia o seu livrinho (o diminutivo se deve apenas ao tamanho material) intitulado *Machado de la Mancha* com a seguinte avaliação: «Machado es un milagro y los milagros, le dice don Quijote a Sancho, son cosas que rara vez suceden. No obstante, milagro dado, ni Dios lo quita.»

Machado é completo, digo sem medo de errar. Quanto mais o leio, mais superlativamente o amo... E como José Dias, a ele devo muitíssimo... Na esfera do saber e do prazer.